

A mensagem de Artaban, o quarto rei mago

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO*

Todos conhecemos aquela história dos três Reis Magos que saíram do Oriente para Belém, com a finalidade de adorar Jesus. Na minha infância, no distrito de São Miguel do Cajuru, na Fazenda da Congonha, onde nasci, tive acesso a um antigo livro que descrevia um quarto Rei Mago. Lembro-me bem daquela história.

Acho oportuno, nesta época natalina, lembrar aquela história do quarto rei mago, que também viu a estrela e resolveu segui-la, com o desejo de adorar o Menino Jesus. Além de astrônomo, ele era médico. Natural da Pérsia, era muito rico e o nome dele era Artaban. Era seguidor de Zoroastro e, numa noite, se reuniu em conselho com os membros daquela seita. Artaban falou a eles sobre a nova estrela que vira e sobre o seu desejo de segui-la, posto que seus três amigos, Gaspar, Melchior e Baltazar, haveriam visto a luz brilhante de uma nova estrela há vários dias e desejavam ir para Jerusalém, com a finalidade de ver e adorar o Messias. Ele vendeu uma parte do seu patrimônio e comprou uma safira, um rubi e uma pérola para oferecer como tributo ao Messias.

Preparou o seu melhor cavalo e saiu para, no dia marcado, encontrar-se com Gaspar, Melchior e Baltazar, que já estavam a caminho. Precisava cavalgar noite e dia, sem parar. Numa curva da estrada, eis que o cavalo de Artaban se assustou e parou. Havia um moribundo caído na estrada, já apresentando o frio da morte. Artaban imaginava que o homem estava morto, mas, ao levantar-se para ir embora, notou que a mão dele agarrou-se o seu manto. Ficou surpreso pelo fato de o homem ainda estar vivo. Mas era preciso seguir a estrela! Artaban, a despeito de se atrasar, socorreu o hebreu e tratou dele por horas, para depois partir à procura dos outros magos.

Quando chegou ao lugar combinado, não encontrou mais os seus companheiros, nem sinal da caravana de camelos. Então, num monte de pedras, ele achou um pergaminho com a mensagem que os seus amigos não puderam mais esperá-lo e seguiram através do deserto. Artaban entrou em desespero, mas regressou à Babilônia, vendeu a safira e comprou camelos e provisões suficientes para uma longa viagem. Artaban embrenhou-se pelo deserto e chegou a Belém, levando o rubi e a pérola para o Messias. As ruas estavam desertas. Pela porta entreaberta de um casebre, Artaban ouviu a voz de uma mulher. Entrou e viu uma jovem mãe acalentando o filho. Subitamente, uma grande comoção nas ruas: correria, gritos, choro de mulheres e de crianças e o soar de trombetas. Eram os soldados de Herodes matando crianças. Aquela mãe, cheia de terror, escondeu-se no canto mais escuro da casa, cobrindo o filho com o seu manto para que ele não chorasse e fosse descoberto pelos soldados. Sentindo a aflição daquela mãe, Artaban colocou-se em frente da porta da casa. Um oficial aproximou-se para afastá-lo. Artaban fitou o soldado tranqüilamente e disse que estava sozinho na casa, esperando a oportunidade para dar uma jóia àquele que deixasse a residência em paz e mostrou-lhe o rubi. Os olhos do soldado brilharam e Artaban disse que ali não havia criança alguma. Dessa forma, duas das suas dádivas, a safira e o rubi, que haviam sido reservadas para o Menino-Deus, já tinham sido ofertadas aos homens. Artaban se julgava indigno de ver a face do Messias.

Continuou a sua jornada à procura do Rei. Passou por lugares onde havia fome, enfermidades e injustiças. Num mundo cheio de angústias e sofrimentos, ele não encontrou ninguém para adorar, mas muitos para ajudar! Alimentou os que tinham fome, cuidou dos doentes e confortou os prisioneiros. E os anos se passaram, 33 anos ... Velho e cansado, pronto para morrer, ele ainda era um peregrino à procura do Rei de Israel. Nessa época, estava em Jerusalém, onde a população estava reunida para a festa da Páscoa. Havia uma estranha agitação. Artaban perguntou o que se passava e para onde aquele povo se dirigia tão apressadamente. “Vamos para o Gólgota”, responderam-lhe. “Dois ladrões vão ser crucificados e, com eles, um homem chamado Jesus de Nazaré”. Aliviado, Artaban achou que era chegado o momento de oferecer a sua pérola para livrar Jesus da morte. Seguiu a multidão e viu um grupo de soldados arrastando uma moça toda machucada, aterrorizada e com as roupas rasgadas. Ao ver o mago, a jovem libertou-se dos guardas e atirou-se aos pés de Artaban, implorando-lhe por piedade. Disse que o seu pai era mercador na Pérsia, conterrâneo dele, mas faleceu deixando dívidas e agora iriam vendê-la como escrava, para pagar os seus débitos.

Artaban tremeu... Por duas vezes as jóias que trazia foram dadas em benefício de alguém, e só lhe restava a última, uma preciosa pérola! Artaban pressentiu que poderia salvar aquela jovem indefesa e que aquele seria um gesto de amor. Ele tirou a pérola do seu alforje e colocou-a na mão daquela moça, dizendo-lhe que a jóia era para ser usada como pagamento aos seus algozes. Assim, ela o fez e foi libertada!

Logo depois, o dia se transformou numa escuridão profunda e um forte tremor de terra abalou aquela cidade. As paredes das casas racharam, os soldados fugiram apavorados. Artaban, ferido por uma pedra, repousou-se no chão. Desesperado, vendo a morte aproximar-se, pediu perdão por não poder adorar o Messias e ofertar-lhe os presentes que trouxera de tão longe. Por 33 anos, ele havia procurado por Jesus, mas nunca vira a face Dele!

E então, como que por mistério, uma voz suave veio dos céus: “Artaban! Quando viste alguém enfermo, deste socorro... quando viste alguém com fome, deste de comer... quando viste alguém com sede, deste de beber... quando viste alguém condenado injustamente, deste a liberdade... quando viste alguém a perigo, oferecete ajuda! Em verdade, em verdade eu te digo que quando fizeste tudo isso a um destes pequeninos meus irmãos, foi para mim que fizeste!”

Naquele momento, uma alegria radiante iluminou a face de Artaban. Um suspiro longo e aliviado saiu dos seus lábios. Aquela longa viagem de 33 anos, assim como a sua vida, terminara. O quarto mago finalmente encontrara o seu Rei! Os presépios de Natal ainda não contemplam a imagem do quarto rei mago porque ele sempre chegava atrasado aos lugares onde Jesus poderia estar, pois os pobres e os miseráveis viviam pedindo sua ajuda e ele nunca a negava. Mesmo que este relato seja ficcional, creio que ele se apresenta como uma bela narrativa alegórica. Que neste Natal e em todos os dias do ano vindouro, consigamos descobrir em nós a existência de Artaban, aquele quarto rei mago que representa o verdadeiro espírito de solidariedade.

* presidente do IHG de São João del Rei

Jornal GAZETA DE SÃO JOÃO DEL-REI

São João del-Rei/MG – Ano IX, edição 433,16 de dezembro de 2006, pág. 4